

### 3. Usos da Leitura e Populismo: os livros e a eleição de Bolsonaro

Luzmara Curcino & Thiago Augusto Carlos Pereira

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

#### Abstract

Based on the principles of discourse analysis, we present an overview of the bookstore scenario in Brazil that promoted titles and authors that composed the new right-wing electoral and editorial segment. In the elections in which Bolsonaro became president, some of these titles played a relevant role in his campaign. We are dedicated to describing one of those books whose title and author were honored by Bolsonaro in his victory “live,” after winning the elections. Alongside the Bible, the Federal Constitution and Winston Churchill’s biography, this book indicates Bolsonaro’s populist anti-intellectualism. Published by a major Brazilian publisher in 2013, Olavo de Carvalho’s *The Minimum You Need to Know to Not Be an Idiot* immediately became a bestseller, contributing decisively to the Bolsonarist campaign, owing to its rhetoric being riddled with bad language, anti-left, neoconservative in manners and ultraliberal in economics.

#### 1. Introdução

*A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livros.* Este é o título de um artigo publicado, em 2015, no jornal *El País*, edição brasileira (Borges 2015). Nele dá-se destaque a um fenômeno político de natureza editorial e um fenômeno editorial de natureza política. Trata-se « da expansão e consolidação de um segmento livreiro orientado para um público de leitores identificados ou com potencial de identificação ao gradiente político que vai da direita à extrema direita. »

---

#### Como citar este capítulo de livro:

Curcino, L. & Carlos Pereira, T. A. 2023. Usos da Leitura e Populismo: os livros e a eleição de Bolsonaro. In: Roitman, M., Bernal, M., Premat, C. & Sullet-Nylander, F. (eds.) *The New Challenges of Populist Discourses in Romance Speaking Countries*, pp. 55–73. Stockholm: Stockholm University Press. DOI: <https://doi.org/10.16993/bcj.d>. License: CC BY-NC.

(Curcino & Pereira 2022 : 197). Os autores acrescentam ainda que este fenômeno diz respeito « a um crescimento tanto na variedade de lançamentos de títulos e autores, quanto no número de suas tiragens e vendas ». A visibilidade conquistada por este segmento editorial e a expansão de seu público consumidor e leitor nos últimos anos são índices de um refluxo político que hoje testemunhamos em boa parte do mundo<sup>1</sup>. O Brasil é um exemplo emblemático disso.

Na última década, fomos surpreendidos no Brasil com cenas, cenários e situações incomuns relacionados a livros ao gosto da extrema-direita. De publicações amadoras e autofinanciadas em suas primeiras versões a edições cuidadas, de responsabilidade de editoras de grande envergadura e com ampla capacidade de distribuição, alguns livros se tornam verdadeiros clássicos desse nicho então em plena expansão. A ascensão e apogeu da extrema-direita no Brasil explorou com habilidade ímpar também este meio de materialização e de difusão de ideias e valores que, ainda que muito dispersos se congregavam em seu antiesquerdismo comum.

Não apenas de livros clássicos, subterrâneos e então reeditados por essas grandes editoras se preencheu as vitrines e estantes de livrarias. Uma série de eventos interligados, que precederam a eleição presidencial de 2018 no Brasil, alimentaram episódios de convulsão política no país e ofereceram matéria e palanque para autores de ocasião emergirem, ganharem alguma visibilidade e venderem livros como quem vende doces para crianças.

Sem que remontemos muito no tempo, em 2013, o Brasil é palco de uma série de protestos, concentrados especialmente no mês de maio, iniciados em São Paulo, mas que pouco a pouco ganham dimensão nacional. Esses movimentos, tidos à época por espontâneos, nos quais se multiplicavam as demandas assim como os rostos e vozes que apareciam e falavam em nome daqueles que foram às ruas, se caracterizaram por sua espantosa dispersão de pautas, pela ausência de lideranças e por seu alegado apartidarismo. Essa ausência de centralidade, tanto de demandas quanto de lideranças, propiciou à mídia tradicional e representante dos interesses das elites econômica e política do país,

---

<sup>1</sup> No que diz respeito à França « longe de ser algo chocante, ao contrário [a produção de livros alinhados ao neorreacionarismo e à extrema-direita], acabou por impregnar os catálogos das casas de edição clássicas », conforme constata Plasseraud (1986) e Salvi (2016). A abertura para capital estrangeiro dessas casas de edição francesas impôs um outro modelo de negócio, de modo que « um autor de extrema-direita que vende bem será publicado por qualquer editor » (Mollier *apud* Salvi 2016 : 117).

a recuperação da pauta desses protestos, assim como deu ensejo ao oportunismo eleitoreiro de grupos como o MBL – *Movimento Brasil Livre*, neoliberal de orientação libertária, conforme se autodefiniram à época, e que foram assumindo um protagonismo graças a suas palavras de ordem categóricas e populistas, seu ethos denunciante e antiestado, encarnando a face jovem e por isso mais palatável da direita brasileira. O MBL protagonizou a convocação desses protestos com a bandeira antipetista<sup>2</sup> e pró *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, explorando insistentemente o mote da corrupção nas gestões petistas<sup>3</sup>.

Diferentemente do que foi alardeado por seus líderes e noticiado amplamente pela mídia *mainstream*, esses protestos em nada tiveram de sublevação espontânea de uma população cansada da corrupção na esfera pública, por parte do Estado. Além de palavras de ordem, podia-se ler em cartazes e faixas empunhados nessas manifestações, assim como nas manifestações de 2015 que justificarão o afastamento da presidenta eleita, lia-se, entre outras frases « Olavo tem razão », em clara referência a um escritor que se tornou a vedete intelectual da extrema-direita brasileira, Olavo de Carvalho.

No embalo dessas manifestações, em 2014, somos apresentados à operação Lava-Jato<sup>4</sup> que, conforme Souza (2017), fornece a justificativa moral para validar as atitudes em nada republicanas dos insatisfeitos políticos, ressentidos com a vitória da esquerda nas três últimas eleições presidenciais e que, neste ano eleitoral, previam sua certa derrota nas urnas. A Lava-Jato é alçada, pela grande mídia brasileira, ao panteão dos salvadores da pátria cuja bandeira seria o combate à corrupção.

---

<sup>2</sup> As palavras antipetista ou antipetismo referem-se ao posicionamento contrário (anti) de grupos de direita e de extrema-direita em relação ao PT, sigla identificadora do *Partido dos trabalhadores* e de seus membros, designados como petistas. Trata-se do maior partido político de esquerda do Brasil e da América Latina, e pelo qual foram eleitos o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que governou de 2001 a 2004, e de 2005 a 2009, e a presidenta Dilma Rousseff, que governou de 2010 a 2014, e de 2015 a 2016, até sofrer *impeachment*.

<sup>3</sup> O caráter não espontâneo dessas ações se evidencia diante da informação de que o MBL e seus membros foram financiados por uma « rede de fundações de direita sediada nos Estados Unidos, a Atlas Network » (Amaral 2016 : 50).

<sup>4</sup> Conjunto de ações jurídicas e policiais realizadas entre os anos de 2014 e 2021, a maior parte delas conduzidas especialmente sob a batuta do ex-juiz de primeira instância, Sérgio Moro, que, com a destituição de Dilma Rousseff e com a prisão de Lula, pavimentou a chegada da extrema-direita do ex-capitão do exército e há várias décadas deputado do baixo clero do Congresso brasileiro, Jair Messias Bolsonaro. Este, ao se tornar presidente, faz de Moro seu Ministro da Justiça, em retribuição a sua contribuição decisiva para essa vitória, acompanhada da promessa de fazê-lo Ministro do Supremo Tribunal Federal no Brasil.

De modo fundamentalmente espetacularizado e seletivo, atribuiu-se a corrupção exclusivamente a um único partido, ao Partido dos Trabalhadores, e a seu principal representante, à figura política central da esquerda no Brasil, o então ex-presidente Lula. A Lava-Jato adquiriu grande prestígio popular e foi, sem dúvida, elemento decisivo na eleição presidencial de 2018, em que vence o representante da extrema-direita na sua versão tupiniquim-americanizada. Sobre a operação Lava-Jato multiplicaram-se os livros, desde biografias de seus personagens mais proeminentes, como a do próprio Moro, até narrativas até de narrativas que serviram de roteiro para produção cinematográfica posterior sobre a operação e seus heróis<sup>5</sup>.

Em 2014, em uma disputa eleitoral acirrada e com vitória apertada nas urnas, a população brasileira reelege a candidata do PT, Dilma Rousseff. De imediato, o adversário derrotado, representante da direita, autointitulado « cidadão de bem », Aécio Neves, questiona o resultado. Pouco tempo depois, testemunharíamos seu envolvimento em um escândalo de corrupção de proporções em nada negligenciáveis. Seus métodos agressivos de desacreditizar a adversária fizeram escola e autorizaram a subida de tom e de agressividade que se viu expandir no Brasil, naturalizando por antecipação vários aspectos do modo Bolsonaro de fazer política.

Em 2016, ocorre o golpe midiático-parlamentar que destituiu a presidenta eleita. Para fundamentar juridicamente esse golpe, baseou-se a abertura do pedido de *impeachment* no questionamento de uma manobra fiscal então popularizada como « pedalada fiscal »<sup>6</sup>, da qual diferentes presidentes e governadores se valeram antes e depois da destituição de Dilma Rousseff, o que tornou evidente a ausência de uma

---

<sup>5</sup> O livro intitulado *Lava-Jato: O juiz Sergio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil*, pela editora Primeira Pessoa / Sextante, escrito por Vladimir Netto, repórter da Globo em Brasília – filho de uma renomada jornalista da Globo, Miriam Leitão, responsável pela cobertura econômica, crítica de primeira hora da esquerda, do PT e da política econômica de Lula e Dilma – foi tema de notícia nos principais veículos de comunicação nacionais, principalmente no Grupo Globo, o maior conglomerado de mídia do país e da América Latina. O elogio a Sergio Moro, cuja imagem de rosto em close e ampliada ocupa a capa, lançado no ápice da midiáticação da operação Lava-Jato, rendeu ao livro o posto de mais vendido na categoria não-ficção e o status de roteiro de série da Netflix.

<sup>6</sup> Metáfora econômica empregada para nomear operações fiscais realizadas pelo Tesouro Nacional para cumprir as metas fiscais previstas no ano. Se se entender essa operação como um « empréstimo », uma antecipação de recursos de bancos públicos e privados ao Tesouro Nacional, isso pode ser considerado uma infração à Lei de Responsabilidade Fiscal, que regula o teto dos gastos públicos.

causa jurídico-fiscal sólida e a motivação estritamente político-partidária do golpe.

Em 2018, foram realizadas novas eleições presidenciais e o candidato favorito nas intenções de voto, o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, foi então condenado pelo juiz de primeira instância, Sergio Moro. Preso, Lula foi assim impedido de manter sua candidatura. Foi eleito, em seu lugar, um azarão da corrida política, Jair Messias Bolsonaro, representante da extrema-direita ultra neoliberal. Para isso, Bolsonaro dispôs de uma logística de propaganda semelhante àquela responsável pela vitória de Trump nos EUA e pelo *Brexit* no Reino Unido. Sua campanha foi subsidiada por recursos tecnológicos que viabilizaram uma segmentação de público até então inédita, e em escala inusitada se comparada a campanhas políticas anteriores<sup>7</sup>, tendo recorrido a disparos em massa, automatizados, frequentes e simultâneos, em diversas redes sociais, de mensagens falsas, conhecidas pelo apelido de *fake news*, dedicadas especialmente à demonização de seus adversários políticos, especialmente da esquerda.

Todos esses acontecimentos fomentaram a proliferação de títulos de interesse da direita e uma onda de publicação de autores desse segmento. O bolsonarismo renovou os títulos das bancas e estantes de livrarias, e esses títulos, por sua vez, contribuíram para a gestação do bolsonarismo<sup>8</sup>. Vimos emergir esse filão de livros de interesse da « nova direita » (Chaloub & Perlatto 2016)

em quase todas as grandes casas de edição do país, cujos títulos e autores passaram a figurar nas listas de mais vendidos, cujas edições foram expostas nas vitrines e bancadas centrais das grandes livrarias do país, [assim como em supermercados] e bancas de jornais. Seus autores celebrados ou em ascensão se tornaram vedetes em eventos de lançamento de seus livros, alguns deles com enorme cobertura midiática, de modo semelhante ao que

---

<sup>7</sup> Um dos pontos em comum é o papel desempenhado por figuras como Steven Bannon, pivô no caso da *Cambridge Analytica*, empresa envolvida no escândalo do roubo de dados de milhões de usuários do Facebook, usados para fazer diversas campanhas políticas com base nos dados desses perfis.

<sup>8</sup> Conforme observou Vitor Cei (2017), depois de 13 anos de exercício da presidência por candidatos do PT, partido de esquerda, se pode observar uma « [...] relativa hegemonia cultural da direita e ascensão do reacionarismo. Tal hegemonia pode ser vista nas listas de *best sellers* e nas vitrines das livrarias de shopping centers, exibindo livros de militantes neoliberais, conservadores ou reacionários como Rachel Sheherazade, Leandro Narloch, Olavo de Carvalho, Reinaldo Azevedo, Rodrigo Constantino, Lobão, Danilo Gentili, Ricardo Amorim e Luiz Felipe Pondé, dentre outros. » (Ceí 2017: 207).

em geral ocorre com autores de *best sellers* de ficção. (Curcino & Pereira 2022 : 199)

Títulos deste filão tornaram-se um manancial de conteúdo, especialmente de frases de efeito, mobilizadas a esmo em postagens e comentários em redes sociais. Eles passaram a guarnecer a fraseologia que tem por efeito fornecer um dizer coletivo e coeso, que produz adesão e identificação de (e)leitores com esses autores que se autointitulam « conservadores » e « cidadãos de bem », que voltam a ostentar, sem senões ou reticências, o título de pertencimento à « direita », título que foi, por um certo tempo entre nós, recusado, omitido ou usado mais discretamente.

Orgulhosos, esses autores e (e)leitores assumem-se como membros da « nova direita », cuja produção editorial e cuja ida à livraria contribui para a passagem do uso discreto desse epíteto ao orgulho desculpabilizado, próprio de um processo de « desrecalque conservador de setores da sociedade brasileira », segundo Safatle (2018). A produção e publicação desses livros encontra duas justificativas amplamente reiteradas, quase sob a forma de palavra de ordem: combater o pensamento único e de esquerda que segundo eles seria dominante no país; e exercer e defender o direito à livre expressão. Em termos culturais, a direita se organiza com vistas a « intervir no ambiente universitário e na disputa intelectual », já que

não há pensamento político sem teorias de suporte, sem porta-vozes, sem literatura, sem instituições e sem mecanismos de reprodução de sua visão de mundo. Nessa empreitada surgem muitos investimentos da nova direita brasileira: na criação de institutos, sites e blogs conservadores e liberais; na formação de uma rede editorial e na produção de textos (nacionais ou internacionais); na preparação de quadros e atuação junto à juventude; na disputa por espaço na arena acadêmica e intelectual. (Cepêda 2018 : 59)

Os autores e obras que podem ser classificados sob o rótulo de *new right* já vendiam livros no contexto anglo-saxão desde os anos 80, no cenário dos governos de Ronald Reagan, nos EUA, e Margaret Thatcher, no Reino Unido, segundo Viguerie (1981). Sob essa designação, encontram-se « neoconservadores economicamente liberais e culturalmente reacionários defensores de uma “ordem moral” de base religiosa » (Taguieff 1993 : 3). Acresce-se a esses traços algumas especificidades locais. Na Europa, por exemplo, os traços fascizantes que emergem do ultranacionalismo e da xenofobia se tornam um traço marcante dessa *new right*, tal como observou Eco (1998).

No Brasil, os contornos assumidos pelo que se pode nomear sob esse rótulo são bastante amplos e flexíveis, guardando semelhanças gerais com esses outros cenários mundiais. No entanto, há algo peculiar por aqui e próprio de nossa atualidade: o apelo ao *fake*, até no que diz respeito aos valores que são anunciados como centrais desse movimento genérico, unido pela inflação do sentimento antiesquerda. Tal como afirmamos em outro texto, essa *new right* tupiniquim falseia tudo e é caracterizada pelo

falso nacionalismo (porque entreguista), pelo falso moralismo comportamental (porque de fachada ou simplesmente amoral), pela falsa religiosidade (porque meramente instrumentalizada para fins políticos), pelo falso popular (porque em geral coordenada por membros das elites econômicas do país e a seu serviço), e pelas falsas notícias e informações (porque inventadas, porque distorcidas, porque sabidamente irreais e mentirosas). (Curcino & Pereira 2022 : 202)

Esses atores políticos, muito influentes e dispendo de recursos e meios para influenciar, « exploraram intensamente a ingenuidade e boa-fé de grande parte da população, assim como incitaram as emoções mais basilares, como o ódio, [o ressentimento] e a revolta », fomentando e canalizando essas emoções para bodes expiatórios específicos, ainda conforme Curcino & Pereira (2022 : 202).

Entre os recursos usados para influenciar, grassaram de forma impressionante as mensagens transmitidas via redes sociais. No entanto, o livro impresso teve seu quinhão de participação nesse cenário e atuou decisivamente como objeto cultural e de propaganda no fortalecimento e legitimação dessa onda. Segundo a lógica da convergência (Jenkins 2009), o livro atende a um filão específico da sociedade e também fornece, em consonância com as novas mídias, tema e conteúdo para postagens nas redes virtuais, atuando como fonte erudita, segura, insuspeita, dessa nova forma de produção e circulação de conteúdos digitais, sobre a qual não paira a mesma tradição de fiabilidade.

Considerando a expansão desses títulos da extrema-direita e a importância de se refletir sobre seu papel na política brasileira recente, traçamos aqui um panorama desse cenário e, subsidiados em princípios da Análise do Discurso, analisamos as referências a livros expressas por Bolsonaro em suas *lives* de campanha e de vitória, e mais especificamente a de um *best seller*, de autoria de Olavo de Carvalho, alçado, ao lado da Bíblia, da Constituição Nacional e da biografia de Winston Churchill, como sendo um dos pilares de seu governo.

## 2. Por que o livro impresso?

O livro impresso destinado aos (e)leitores da « nova direita » compartilhou com tantos outros dispositivos culturais de produção e circulação de ideias seu poder de difundir e de validar ideias, valores, posicionamentos. Embora possa não ter sido « protagonista em números absolutos », foi sem dúvida alguma, « peça-chave no xadrez da visibilidade e legitimidade do que se enuncia por seu intermédio » (Curcino & Pereira 2022 : 205). Um livro tem um potencial de intervir politicamente porque seu próprio lançamento é ocasião para colocar na ordem do dia os temas nele explorado, ainda mais quando explora estrategicamente a polêmica, garantindo com isso bastante repercussão. Seus editores, autores e leitores mobilizaram com maestria o *timing* de lançamentos de vários títulos, organizados em sincronia, impondo sua presença regular nos meios de formação da opinião pública.

O livro impresso atua como um objeto cultural de grande força simbólica na validação e enobrecimento dos pontos de vista por meio dele materializados (Chartier 2007). Tem ainda o poder de consagrar aqueles que publicam nesse formato. O nome próprio de um desconhecido em letras estilizadas em uma capa de livro é um acionador de aura de autoridade. Além disso, toda a divulgação da obra, de seu lançamento, de seu eventual sucesso, se converte em propaganda em benefício das ideias que nela se defende. Aliás, quanto mais polêmicas essas ideias, maiores as chances de sua circulação e comercialização, hoje, graças ao gosto pelo espetáculo com o qual nos habituamos, propiciado pelo estilo midiático assumido nas últimas décadas. Na busca por adesão a suas ideias e formação de grupos amplos e coesos, a « nova direita » brasileira encontra no livro um aliado em nada negligenciável:

- i) os livros [são um] objeto e meio que dispõe de grande prestígio simbólico;
  - ii) os autores [são] figuras de autoridade em uma sociedade cujo acesso à escrita e à publicação é drasticamente limitado, e em que as distinções e hierarquias culturais têm significativo impacto social na justificação e naturalização das desigualdades;
  - iii) as editoras, livrarias e bibliotecas [são] como centros insuspeitos que se ocupam da triagem e da circulação do que se deve/se pode ler;
  - iv) a mídia, em sua lógica do espetáculo, divulga essas obras ao noticiar seus lançamentos, comentar sua recepção, entrevistar seus autores, cedendo-lhes espaço e sendo cúmplice de sua ampla difusão.
- (Curcino & Pereira 2022 : 206)

O livro em seu papel distintivo, ainda mais em sociedades divididas como a nossa, marcada por fossos socioeconômicos e culturais, se encontra no horizonte de expectativa em particular da classe média brasileira



escolarizada. Boa parte da classe média brasileira foi cooptada pelas ideias dessa « nova direita », em especial porque se via em risco de desclassificação, com o aumento de direitos e demandas da maioria pauperizada. Ter acesso a bens culturais como o livro funciona simbolicamente para a classe média como uma forma de manutenção da distância, logo, da « distinção », (Bourdieu 2007), em relação a essa maioria. Não sem razão, a « nova direita » fez do livro um vetor de suas ideias.

Explorando o desejo de distinção (Bourdieu 2007) de segmentos da classe média em relação à maioria pauperizada do país, e inflando sua autoimagem cultural de prestígio, a produção de livros contribuiu com essa lógica da distinção, criando uma fonte de (in)formação mais digna, seletiva, além de legítima e legitimante. Grande parte do impacto da produção desses livros se deve a esse sentimento elitista de classe. (Curcino & Pereira 2022 : 208)

Se é inegável que, por um lado, a vitória da extrema-direita na eleição presidencial de 2018 no Brasil foi obtida pelo investimento pesado em tecnologias digitais e em técnicas de comunicação inovadoras, como disparos em massa de *fake news*, por outro lado, o universo impresso se mostrou relevante, tanto na força de difusão de ideias via revistas e jornais de grande circulação nacional quanto via produção editorial sem precedentes de *best sellers* da « nova direita » no Brasil.

### 3. Livros e ideias, Livros e política

No rol de títulos, autores e gêneros editoriais que compuseram essa biblioteca da « nova direita », pode-se encontrar livros para subsegmentos de público bem diversos e composto de (e)leitores que vão desde os convertidos ou simpatizantes com as ideias-força da direita e da extrema-direita, passando por curiosos ou desavisados quanto ao conteúdo desses livros, até aqueles leitores que são opositores críticos e que fazem desses livros objeto de análise.

Dos livros publicados nos últimos 20 anos e que compuseram essa biblioteca básica que deu vazão e legitimidade a ideias e ações da extrema-direita brasileira atual, um exemplo emblemático é o livro de Olavo de Carvalho, *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, publicado em 2013 pela editora Record, resultante da organização de vários artigos e ensaios do autor publicados em jornais e revistas na mídia brasileira, nas duas últimas décadas, e que foram reunidos pelo jornalista e fã do autor, Felipe Moura Brasil, também este um nome representativo da produção editorial deste segmento.

Alguns acontecimentos de nossa história política recente justificam a referência a este autor e a este livro em especial. Dois episódios são suficientes para compreender o lugar de destaque de Olavo de Carvalho nesta biblioteca da extrema-direita brasileira.

O primeiro foi protagonizado por Victório Gallino, deputado eleito pelo PSC (Partido Social Cristão), partido que congrega evangélicos que se afirmam anticomunistas e ao qual o ex-presidente Bolsonaro foi filiado por um período e em nome do qual exerceu mandato de deputado. No ato de declaração de seu voto favorável ao *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, ao vivo da Câmara dos deputados, em 2016, o deputado Gallino exibiu um livro ao qual atribuiu a inspiração para a decisão de seu voto. O livro ostentado era este *best seller* de Olavo de Carvalho.

O segundo episódio, em outubro de 2018, foi protagonizado pelo então recém-eleito presidente, Jair Bolsonaro, durante a *live* que realizou em comemoração ao resultado das eleições. Na ocasião, ele exibiu quatro diferentes livros-símbolo de sua vitória e de seu futuro mandato: a Bíblia, a Constituição Federal, a autobiografia de Winston Churchill e este mesmo *best seller*, deste mesmo autor. Como constatou Curcino (2019), essa não tinha sido a primeira vez que Jair Bolsonaro indicara em suas *lives* a leitura de alguns títulos e autores ou aludira àqueles a que se devia criticar e repudiar.

#### **4. Bolsonaro, seu anti-intelectualismo e sua inspiração olaviana**

Entre os traços populistas próprios do perfil e das práticas de agentes da extrema-direita, conforme descritos por Laclau (2013), Fassin (2019), o anti-intelectualismo é um deles. Com Bolsonaro, no Brasil, não foi diferente. Além da mimetização demagógica e caricata de formas populares de enunciação; além da vagueza e da ultra simplificação nos diagnósticos dos problemas da sociedade, bem como da exploração da retórica salvacionista, ultra potente, portanto falseadora, que afirma deter a solução corajosa, quicá viril, e definitiva para esses problemas; além do apelo sistemático à mentira e a teorias da conspiração para a mobilização das massas, e da exploração de afetos como o ódio e o ressentimento para a adesão de segmentos mais predispostos, há também uma constante conflagração de um nacionalismo e de um moralismo sem lastros, de efeito « cosmético », nas palavras de Felipe Miguel (2021), mas de grande potencial de cooptação de agentes militares e religiosos, entre outros.

O anti-intelectualismo bolsonarista é, segundo Rocha (2021), uma versão repisada do « sistema de crenças Olavo de Carvalho ». Bolsonaro investiu na construção de inimigos que seriam, segundo ele, membros de uma elite avessa aos valores do povo e da qual fariam parte intelectuais, professores, jornalistas, estudantes universitários, artistas que, segundo sua lógica redutora, denunciata, fantasiosa e conspiratória, seriam todos esquerdistas contumazes e perigosos doutrinadores.

Diferentemente dos populismos de esquerda, [Bolsonaro] não antagonizou com as elites econômicas, definindo de um lado « nós » (povo, pobre, trabalhadores, maioria, explorados), do outro « eles » (elite econômica, ricos, patrões, minoria, exploradores). Os rivais do povo que ele denuncia não são milionários sonegadores de impostos, nem donos do capital especulativo. Seus rivais fazem parte da elite cultural. (Curcino & Pereira 2022 : 211)

Essa elite cultural, na caricatura bolsonarista, ameaçaria os valores do povo: a família tradicional, a religião, os preceitos morais e os hábitos e cultura populares. Segundo ainda essa caricatura, as elites culturais não produziram nada útil e necessário ao país. Seriam antes as responsáveis por difundir ideologias perversas e subversivas junto às escolas, atentando direta e insidiosamente contra as bases cristãs e da família.

Outro traço do perfil populista do bolsonarismo, segundo Rocha (2021), é a adoção de uma « retórica da guerra cultural », herdada dos EUA mas com uma « pitada » bem brasileira, já que motivada por um ressentimento intelectual e um revanchismo político inspirados especialmente por um livro que se tornou um ícone da biblioteca da extrema-direita brasileira, concebido no final dos anos 1980 por uma junta militar ultraconservadora com a finalidade específica de se contrapor a outro livro, que havia sido publicado 3 anos antes e no qual se fazia a denúncia incisiva das práticas sistemáticas de tortura, assassinato e desaparecimento de corpos de presos políticos sob a custódia do Estado perpetradas por agentes das forças de segurança do país durante os 21 anos de ditadura civil-militar no Brasil, após o golpe de Estado em 1964.

Intitulada com um anagrama da palavra « livro », *Orvil: tentativas de tomada do poder*, essa obra de viés negacionista forneceu uma contranarrativa ao relatório sobre as práticas de terrorismo de Estado exercidas durante a ditadura civil-militar, composto de mais de 700 páginas, e que deu origem ao livro *Brasil nunca mais: um relato para a história*, organizado por lideranças políticas e religiosas, nacionais e internacionais.

A obra *Orvil* foi concebida como um contralivro, como o antilivro para se contrapor à obra *Brasil nunca mais*, de modo a apresentar aos leitores uma versão oposta e paralela da história, na qual se negam as denúncias de tortura e se justificam os meios hediondos usados, segundo seus organizadores, com a finalidade de combater perigosos inimigos que ameaçavam o país, os comunistas. Este antilivro não foi publicado à época em que foi escrito, no período de restabelecimento do Estado Democrático de direito no país. Sua circulação inicial se deu de forma clandestina, em versão xerocopiada, nas décadas seguintes, entre militares do exército, até ser publicado na íntegra, em *PDF*, em redes sociais da extrema-direita e ganhar sua versão editorial e a legitimidade do formato livro impresso, em 2012.

Sua publicação em livro coincide com o ano em que se iniciam os trabalhos da Comissão Nacional da Verdade<sup>9</sup>, encarregada de investigar os crimes da ditadura civil-militar.

O livro passa então a figurar entre os *best sellers* da política nacional. Sua versão conspiratória do eterno inimigo – o comunismo –, seu revisionismo histórico de viés negacionista, seu tom revanchista contra intelectuais e artistas se congraçam com a retórica reativa de um Olavo de Carvalho, expoente intelectual e figura central nessa bibliografia da nova direita. (Curcino & Pereira 2022 : 212)

É ele quem fornece a retórica anti-intelectualista assumida por Bolsonaro e seus seguidores<sup>10</sup>. Como observado por Dunker (2018), não ter sido reconhecido como parte dessa elite e de suas instituições formais, como a Universidade, é a base do ressentimento de Olavo de Carvalho. Criticar importantes intelectuais e acadêmicos brasileiros produz a ilusão de ótica de sua pretensa superioridade. Dado seu

<sup>9</sup> A Comissão foi criada em 2011, portanto, 3 décadas depois do fim da ditadura civil-militar no Brasil, motivada pela Corte Internacional de Direitos Humanos da ONU e da OEA, com a finalidade de « apurar graves violações de Direitos Humanos ocorridas entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988 », conforme informa em seu site < <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html> >.

<sup>10</sup> Rocha (2021) descreveu em detalhe a linguagem deste autor em seus *best sellers*: « Seu estilo palavra-puxa-palavrão, o excesso de citações jamais aprofundadas, a metamorfose de querelas propriamente filosóficas em “tretas” ginásianas, a substituição de mediações conceituais por frases de efeito, o recurso onipresente a ideias-muleta (gramscismo, duplo padrão, globalismo, extrema imprensa, Lei Rouanet, hegemonia da esquerda, método Paulo Freire, socioconstitutivismo, anticomunismo, etc. etc. etc.) que dispensam a reflexão sistemática; enfim, Olavo de Carvalho encontrou na volatilidade do universo digital o meio mais adequado para sua pregação: casamento perfeito, prole numerosa. » (Rocha 2021 : 42-43)

aguçado senso de ocasião e sua inserção nas redes sociais digitais, ele tornou-se figura-chave do bolsonarismo. Mobilizando o deboche como forma de dessacralizar intelectuais e instituições nas redes sociais, desfilando teorias da conspiração com pitadas de academicismo, fomentando e dando foco ao ódio difuso de gerações que por diferentes razões já nutriam antipatia pela esquerda no país, Olavo de Carvalho em seus cursos *on-line* atuou como um verdadeiro « artífice de uma retórica do ódio », tal como a nomeia Rocha (2021), ao requestrar a tese do necessário combate ao « marxismo cultural ».

Olavo de Carvalho fornece as bravatas e o fraseado para bolsonaristas de todas as estirpes, seja em seus cursos *on-line*, seja em seus textos, que saem das frágeis e temporárias páginas de jornais sem expressão para ganhar o estatuto de livro, a aura de coesão, de completude, de seriedade e de valor simbólico ímpar que esse formato transfere para o que por meio dele é enunciado.

De ideólogo e *digital influencer*, esse jornalista da imprensa marrom que já foi responsável pela sessão horóscopo de um jornal qualquer, torna-se autor de livro, com tons de intelectual. Seu anti-intelectualismo não abre mão de todos os símbolos da alta cultura letrada. Aliás, ele revela antes uma verdadeira fixação por todos esses símbolos, ao se autoneostrar filósofo, ao se apresentar sempre cercado de livros, sempre com um cachimbo nas mãos e convocando a todo momento « uma plethora de citações de autores, em alusões prolixas e herméticas a conceitos sem a devida contextualização ou definição, numa sintaxe que alterna conceitos com palavras de baixo calão » (Curcino & Pereira 2021 : 213), simulando conhecer e se autorizando a comentar autores e obras reconhecidas e de diferentes períodos e culturas.

Não fazendo parte, nem sendo reconhecido como intelectual ou membro dessas instituições como a Universidade, ele se vinga dessa exclusão e recria, a seu gosto e modo, em um verdadeiro multiverso, todos os símbolos e gêneros acadêmicos: artigos, livros, aulas, cursos... “Seu anti-intelectualismo, tal como o de Bolsonaro, não dispensa o poder simbólico do livro e do universo letrado.” (Curcino & Pereira 2021 : 214).

Como bom aluno do sistema de crenças e da retórica do ódio forjadas por Olavo de Carvalho, Bolsonaro em suas *lives* também dirigiu sucessivas ofensas a professores, intelectuais, jornalistas, artistas, bem como às universidades públicas, aos estudantes dessa instituição, assim como se representou com livros, em menor quantidade que o primeiro, afinal era preciso assumir o *ethos* de político outsider de origem popular. Sendo os livros um símbolo avesso ao estilo de vida da maioria da

população, eles apareciam em suas *lives* não em estantes repletas de volumes, ao fundo, mas em número pequeno e empilhados na mesa de onde sempre falava o candidato e depois presidente.

Os livros eram ladeados por objetos variados, em sua maioria dispostos displicentemente sobre a mesa para garantir o efeito de improviso, de espontaneidade, de simplicidade, de baixos recursos. Ao lado de copos de plásticos, de canecas personalizadas, de carregadores de celulares, de papeis e canetas espalhados, os livros eram não apenas um ornamento simbólico, nem um indício para afirmar a condição leitora de Bolsonaro. Esses livros têm outras funções. Alguns estavam ali como prova do que o candidato e depois presidente denunciava em relação a seus adversários políticos, outros como indicações de leitura de autores que se identificavam politicamente com as ideias e práticas do candidato. Já nas *lives* de Bolsonaro, depois de eleito presidente, os livros assumem também outras funções: há aqueles que estão lá para cumprir um ritual da circunstância e do cargo, e há outros que estão lá para serem vistos e homenageados.

Dessas diferentes funções que os livros assumiram nas *lives* do candidato e do presidente, e que foram abordadas em Curcino (2019), vamos nos deter em uma delas.

## 5. O livro como homenagem : Olavo de Carvalho sobre a mesa

Em 28 de outubro de 2018, pouco depois de sair o resultado de que estava eleito presidente da República, Bolsonaro faz uma transmissão ao vivo, do mesmo cenário de sua campanha, na mesma sala de apartamento, na mesma mesa, dessa vez mais limpa e organizada, com 4 livros dispostos, visíveis, 3 dos quais serão mencionados no discurso do presidente recém-eleito. Justamente esses 3 livros têm por função cumprir o protocolo exigido pela circunstância. São eles a biografia de Churchill, intitulada *Memórias da Segunda Guerra Mundial*<sup>11</sup>; a Bíblia, em sua edição brasileira intitulada *A mensagem: Bíblia de estudo*<sup>12</sup>; e

<sup>11</sup> *Best seller* mundial, esta biografia escrita em 1948 outorgou a seu autor o título de Nobel de Literatura.

<sup>12</sup> Trata-se de uma adaptação da Bíblia, destinada ao público evangélico, da lavra deste pastor norte-americano para adequá-la à « linguagem contemporânea ». É publicada em diferentes edições (de bolso, de luxo, semi luxo, feminina, infantil, e-book etc.). Com as demais edições da Bíblia, trata-se do livro mais lido no Brasil, conforme diferentes edições da pesquisa « Retratos da Leitura no Brasil » (Marques Neto 2016).

a *Constituição da República Federativa do Brasil*<sup>13</sup>. Em seu discurso de presidente eleito, no momento em que se refere a esses livros ali na mesa, Bolsonaro afirma:

1) Nós fomos declarados vencedores neste pleito e o que eu mais quero é, seguindo ensinamentos de Deus [coloca a mão esquerda sobre a Bíblia depositada na mesa, e que se encontra com sua capa voltada para a câmera], ao lado da constituição brasileira, inspirando-se em grandes líderes mundiais e com uma boa assessoria técnica e profissional ao seu lado [sic], [...] colocar o nosso Brasil novamente num lugar de destaque. (Pronunciamento de Bolsonaro, *live* de 28/10/2018).

O quarto livro é de Olavo de Carvalho (2013), *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Sua presença ali não alude à grandeza do cargo, nem aos compromissos exigidos da função, tal como os demais. Este quarto livro é uma homenagem ao autor que desempenhou papel fundamental na inflamação da onda antiesquerda, antiestado e ultraconservadora que, desde os anos 90, é alimentada por Olavo de Carvalho em seus textos, em seus cursos e em suas declarações, fornecendo os contornos a parte dessa « nova direita ».

Este livro já havia frequentado a mesa e as *lives* do candidato. Apesar disso, Olavo de Carvalho não mereceu menção nem atenção específica de Bolsonaro em nenhuma dessas circunstâncias como também nesse pronunciamento após resultado da vitória na eleição para presidente. É como se a mera presença deste livro bastasse para a finalidade visada. Seu eleitorado conhecia Olavo de Carvalho, alguns adquiriram este livro, alguns até o leram. Todos ouviram e perceberam, nas palavras discretas e alusivas do recém-eleito, o agradecimento e o reconhecimento a este autor, cujo livro encontrava-se ali, entre a Constituição e a Bíblia. Se podia ouvir Olavo de Carvalho nas palavras de Bolsonaro:

2) [...] passou a ser, sim, integrante de um grande exército que sabia para onde o Brasil estava marchando e clamava por mudanças. Não poderíamos mais continuar flertando com o socialismo, com o comunismo, com o populismo e com o extremismo da esquerda. (Pronunciamento de Bolsonaro, *live* de 28/10/2018)

A descrição verbal quanto a essa influência, que é exigida de quem passa a atuar como presidente, não durou muito. No segundo pronunciamento de Bolsonaro, após sua eleição, no dia 09 de novembro de 2018, os

<sup>13</sup> Publicada em 1988, com o encerramento da ditadura civil-militar no Brasil, é conhecida como Constituição Cidadã.

títulos dos livros sobre aquela mesma mesa, naquela mesma sala, se alteram drasticamente. Figuram ali títulos e autores caracterizados por seu anti-intelectualismo, por seu antiesquerdismo, por seu antipetismo e por seu reacionarismo.

Todos os *best sellers* da extrema-direita nacional encontram espaço sobre a mesa: *Não, Sr. Comuna! Um guia para desmascarar as falácias esquerdistas* (Sinotti 2018); *A Mente esquerdista: as causas psicológicas da loucura política* (Rossiter 2016); *A verdade sufocada: a história que a esquerda não quer que o Brasil conheça* (Ustra 2006). Eles não são objeto de comentário nem alusão nas declarações do presidente. Estão simplesmente expostos naquela vitrine.

## 6. Livros: vedetes imponentes nas vitrines e em migalhas nas redes sociais

De deputado do baixo clero do Congresso brasileiro, Bolsonaro se elege presidente da República. Sua candidatura, melhor do que todas as outras, dispôs de recursos tecnológicos atuais e nunca antes empregados na escala com que foram mobilizados. Por *lives*, tuítes, disparos em massa de mensagens no *whatsapp*, sua propaganda política inovou em escala e sofisticação tecnológica. Essas formas não tradicionais, alternativas produziram o efeito de uma campanha heroica, feita sem grandes somas de dinheiro, de improviso, caseira, popular.

Ele não abriu mão, no entanto, de recursos à moda antiga. Apenas evitou o confronto com seus adversários em debates televisados. Ele não podia expor suas debilidades e sua inadequação às exigências e altura do cargo que pleiteava. Furtou-se ao debate, mas não abriu mão dos livros. Sua campanha contou com obras de seus apoiadores que se tornaram *best sellers* no mercado brasileiro, algo inusitado, dada a quase inexistência desse segmento editorial destinado à « nova direita » no Brasil.

Alguns dos livros que foram expostos nas transmissões ao vivo, pelas redes sociais, do candidato e depois presidente Bolsonaro sequer foram mencionados, referidos explicitamente. Sua mera presença ali na mesa já bastava. Apesar de suas distintas funções, os livros tiveram um papel decisivo na campanha, atestando a importância do gênero editorial impresso em plena era dos textos virtuais. Certos discursos sobre o livro, sobre a leitura, sobre a condição leitora, são duradouros, de longa data, além de amplamente difundidos em nossa sociedade. Essa sua força manifesta-se de forma singular nessa apropriação inédita pela extrema-direita e por Bolsonaro do valor simbólico dos livros na disputa política brasileira.



O candidato e depois presidente eleito não quis defender sua imagem como leitor, ao mobilizar em sua campanha esses livros, como constatou Curcino (2021). Ao recorrer a livros, Bolsonaro não buscou se representar como leitor. Afinal, representar-se como leitor poderia, junto ao público mais numeroso de eleitores ao qual ele se dirigia, produzir até certa rejeição, diante do histórico elitizado de acesso à cultura mediada por livros no Brasil.

Na lógica populista de sua campanha, não bastava fazer-se passar por alguém do povo. Era preciso agir como se pressupõe que o povo age e mobilizar os julgamentos que se sabe advirem da relação que o povo estabelece com a leitura: afinal, a impossibilidade de acesso a essa prática, a falta de familiaridade com os códigos desse universo é a razão para uma reação bastante frequente de algumas pessoas que foram privadas dos livros e da leitura, que é a de negação daquilo que de antemão lhe é negado, sob a forma de menosprezo e de desinteresse.

A recusa convicta é uma das formas de lidar com a vergonha dessa falta (Curcino 2022). Essa é uma das consequências da ampla circulação de discursos consensuais e elitizados, idealizados sobre a leitura. Ela produz não-leitores convictos e orgulhosos de sê-lo. Foi mobilizando esse efeito que o discurso populista de Bolsonaro soube manejar a contradição de seu anti-intelectualismo visceral, que incluía a afirmação de sua indiferença e rejeição à leitura e mesmo de seu escárnio com livros e autores em diferentes pronunciamentos, com a indicação de certos livros e seu uso estratégico como amuleto e símbolo de suas convicções (Curcino 2019).

## Referências

- Amaral, M. (2016): «“Jabuti não sobre em árvore” Como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment», in Jinkings, I., Doria, K. & Cleto, M. (eds.), *Por que gritamos golpe? Para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. São Paulo, Boitempo: 49–54.
- Arns, E. & Arquidiocese de São Paulo (1985): *Brasil nunca mais. Um relato para a história*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Augusto, A. N., Nascimento, J. & Maciel, L. (eds.) (2012): *Orvil. Tentativas de tomada do poder*. São Paulo, Schoba Editora.
- Borges, R. (2015): «A direita brasileira que saiu do armário não para de vender livros». *El País* (1/08/2015), São Paulo.

- Bourdieu, P. (2007): *A Distinção. Crítica social do julgamento*. São Paulo, EdUSP & Porto Alegre, Zouk.
- Carvalho, O. (2018): *O imbecil coletivo*. Rio de Janeiro, Record.
- Carvalho, O. (2005): *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Rio de Janeiro, Record.
- Cepêda, V. (2018): «A Nova Direita no Brasil. Contexto e matrizes conceituais». *Mediações* 23, 2: 75–122, DOI: <https://doi.org/10.5433/2176-6665.2018v23n2p40>
- Chaloub, J. & Perlatto, F. (2016): «Intelectuais da ‘nova direita’ brasileira. Ideias, retórica e prática política». *Insight Inteligência* 1: 25–42.
- Chartier, R. (2007): *Inscrever & Apagar. Cultura escrita e Literatura*. São Paulo: Editora Unesp.
- Churchill, W. S. (2015): *Memórias da Segunda Guerra Mundial (1919–1941)*. Editora Nova Fronteira e Harper Collins Brasil.
- Curcino, L. (2019): «Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará Livros na eleição presidencial de Bolsonaro». *Discurso & Sociedad*, 13, 3: 468–494.
- Curcino, L. (2021): Lives e livros: versículos e verdade na eleição presidencial brasileira. in Curcino, L.; Sargentini, V.; Piovezani, C. (ed.), *Discurso e (pós)verdade*, São Paulo, Parábola: 105–134.
- Curcino, L. (2022): «Leitores orgulhosos, Leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura». *Álabe*, 25: 1–14, DOI: <https://doi.org/10.15645/Alabe2022.25.3>
- Curcino, L. & Pereira, T. A. C. (2022): «Livros, política e populismo: a ‘nova’ direita brasileira e seus best sellers», in Marques, M. A. & Sousa, S. P. G. (eds.), *Populismo(s) e suas linguagens. Famalicão, Humus/CEHUM*: 191–216.
- Dunker, C. (2018, Outubro 15): «Olavo de Carvalho, o “ideólogo de Bolsonaro”, contra o professor Haddad». Blog da Boitempo.
- Eco, U. (1998): *O Fascismo eterno. Cinco escritos morais*. Rio de Janeiro, Editora Record.
- Jenkins, H. (2009): *Cultura da convergência*. São Paulo, Aleph.
- Laclau, E. (2013): *A razão populista*. São Paulo, Três Estrelas.
- Marques Neto, J. (2016): «Retratos da Leitura no Brasil e as políticas públicas. Fazer crescer a leitura na contracorrente – revelações, desafios e alguns resultados», in Failla, Z. (ed.), *Retratos da Leitura no Brasil* 4, Rio de Janeiro, Sextante: 57–73.

- Netto, V. (2016): *Lava-Jato: O juiz Sergio Moro e os bastidores da operação que abalou o Brasil*. Rio de Janeiro, Primeira Pessoa/Sextante.
- Fassin, É. (2019): *Populismo e ressentimento em tempos neoliberais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Felipe Miguel, L. (2021): «Despolitização e antipolítica. A extrema-direita na crise da democracia». *Argumentum*, 13, 2: 8–20, DOI: <https://doi.org/10.47456/argumentum.v13i2.36261>
- Peterson, E. H. (1993): *A Mensagem. Bíblia de estudo*. Editora Vida.
- Plasseraud, Y. (1983) : « La nouvelle droite fait son chemin ». *Esprit* 79, 7: 51–67.
- Rocha, J. C. C. (2021): *Guerra Cultural e Retórica do Ódio. Crônicas de um Brasil pós-político*. Goiânia, Editora Caminhos.
- Rossiter, L. H. (2016) [2006]: *A Mente Esquerdista. As causas psicológicas da loucura política*. Campinas, Vide Editorial.
- Salvi, E. (2016) : « La droite extrême à l’assaut du livre: L’édition française gangrenée par la pensée rance ». *La Découverte* 2, 4 : 112–127, DOI: <https://doi.org/10.3917/crieu.004.0112>
- Safatle, V. (2018): *Sobre O ódio como política*, in Gallego, E. S. *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo, Boitempo.
- Sinotti E. (2018) : *Não, Sr. Comuna! Guia para desmascarar as falácias esquerdistas*. Rio de Janeiro, Sinotti Editora.
- Souza, J. (2017): *A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato*. Rio de Janeiro, Leya.
- Taguieff, P-A. (1993, Outubro/Dezembro) : « Origines et métamorphoses de la nouvelle droite ». *Vingtième Siècle Revue d’histoire*, 40 : 3–22, DOI: <https://doi.org/10.3406/xxs.1993.3005>
- Ustra, C. A. B. (2006): *A verdade sufocada. A história que a esquerda não quer que o Brasil conheça*. Rio de Janeiro, Editora Ser.
- Viguerie, R. (1981): *The New Right. We’re Ready to Lead*. Caroline House.